

# NÃO ME ESQUEÇAS

JULIE  
SOTO



TOP  
SEL  
LER

*À Mar e à Cat.*

*Obrigada por me darem a mão  
debaixo da mesa durante estes anos todos.*

# 1

## Ama

### MARÇO

Tenho cinco regras para planejar um casamento com sucesso.

(Mentira. Estou certa de que haverá mais, mas se tivesse dito «Tenho 76 regras, é melhor sentarem-se», acho que vos teria perdido.)

Regra n.º 1 — Animais vivos, não. Os animais comem as alianças, mordem as meninas das alianças e fazem cocó em todo o lado.

Regra n.º 2 — Faça Você Mesmo não significa que devem ser os convidados a tratar do casamento. Significa que o casal andou pelo Pinterest e agora o problema é de quem vai organizar o casamento.

Regra n.º 3 — O DJ de uma discoteca e o DJ de um casamento não são intercambiáveis.

Regra n.º 4 — Nunca fiquem sozinhas com um dos padrinhos do noivo.

E, finalmente, Regra n.º 5 — Convençam-nos de que o gazebo é sempre má ideia. Sempre.

Dirijo-me ao altar com os músculos das coxas em esforço para evitar que os saltos se enterrem na relva. A passadeira chega daqui a vinte minutos, e ainda bem que insisti, caso contrário, a noiva teria de arrastar as pernas como se atravessasse um pântano.

A minha fotógrafa e ex-irmã emprestada favorita (uma indiana alta que é confundida com a Priyanka Chopra pelo menos duas vezes

por dia) está deitada de barriga para baixo no meio do parque com a câmara apontada ao alto, na direção do gazebo e dos meus assistentes, que foram raptados para fazer de noivos.

— Mar, querida — digo, com um sorriso falso. — O Jake já *tem* emprego. — Ao estalar dos meus dedos, o Jake (outro irmão emprestado) galga os degraus do gazebo e regressa à zona das cargas e descargas, onde devia estar a dar indicações aos fornecedores. — E eu cedi-te a Sarah por dez minutos.

Erguendo-se sobre os longos membros e ficando com o seu belíssimo rosto quinze centímetros acima do meu, a Mar fuzila-me com o olhar.

— Gazebos, Ama?

— O casal insistiu. Eu sei que odeias...

Agarrando-me pelo braço, puxa-me bruscamente para o seu lado e vira a janela de visualização da câmara para mim.

— A treliça. A *treliça*. — Olho para as imagens que ela vai passando. O teto do gazebo é entrançado e, por sorte, está um dia de sol radiante. Os rostos do Jake e da Sarah estão raiados pela sombra. A Mar inclina-se para mim. — Parecem...

— Tartes de maçã. Parecem tartes de maçã. — Irritada, olho furiosamente para o sol. Deteto umas nuvens a oeste, mas chegarão a tempo? — O que é que tens no carro?

— Inúmeras coisas que ficariam horríveis durante a cerimónia.

Aceno com a cabeça, analisando o gazebo. A Mar sabe que deve deixar-me pensar. Passo uma mão pelo cabelo escuro, habituando-me ainda ao corte curto, embora já tenham passado uns dois anos desde que me dava pelas omoplatas. (Na verdade, sei *exatamente* quanto tempo passou desde o dia em que rastejei pelo salão adentro e implorrei à minha cabeleireira que me fizesse parecer «diferente».)

Viro-me para a Sarah, que se deixou cair sobre os degraus do gazebo.

— Sarah, assim que a cerimónia começar, pegas nas chaves da Mar e trazes o carro para a zona de cargas e descargas. *Discretamente*, levas tudo o que ela pedir até àquela árvore enorme e, assim que eles

disserem «Aceito», tu e a Mar montam tudo. Depois, arrastamos o pastor e os noivos, e tiramos fotografias que não pareçam artigos de pastelaria.

A Sarah, outra ex-irmã emprestada sem qualquer interesse na organização de casamentos (*que nem tenta disfarçar*), pestaneja, com o olhar sonolento.

— Quem é que faz sinal ao DJ?

— Suponho que serei eu. — Olho para o relógio e ergo as sobrançelas na direção da Mar. Ela acena que sim, concordando. — Pronto, Mar. Durante a cerimónia, capta o beijo e os momentos mais importantes, mas concentra-te nos familiares chorosos.

— Familiares chorosos são o meu ganha-pão.

Deixo-as no gazebo e faço sinal à carrinha da florista. Enquanto a assistente da florista vai entrelaçando grinaldas de rosas nas cadeiras, procuro as pétalas que estão a ficar castanhas e arranco-as dos botões. De cada vez que o faço, a assistente comprime os lábios, sabendo perfeitamente que não vale a pena dizer nada.

Afasto-me um pouco e observo o espaço. Está quase pronto. Ainda falta pendurar a sinalização e fazer o teste de som, mas está a ficar composto. Quando a passadeira é entregue, reparo que o homem rude que vem na carrinha não me é familiar. Ele olha para mim e pergunta se sou assistente da Ama Torres. Quando o corrijo, ele fica com um ar de quem duvida que eu seja o tipo de pessoa capaz de colocar cadeiras numa linha reta, quanto mais de organizar um casamento, porém, limita-se a encolher os ombros e a desenrolar a passadeira até ao altar.

Enquanto estou a observar o DJ a experimentar níveis de som, ouço o auricular *bluetooth* apitar no meu ouvido (sim, sou *esse tipo* de pessoa) e atendo:

— Fala a Ama.

— Hum, olá. — Não reconheço a voz. — Estou a falar com a pessoa que está a organizar o casamento, certo?

— Está — respondo, o mais jovialmente possível. — Quem fala?

— Daqui fala a Erica. Sou prima do noivo.

A dama de honor que decidiu pintar o cabelo de verde na semana passada.

— Olá, Erica. Há algum problema?

— Sim... A Eloise trancou-se na sala das mulheres. — Fico paralisada. — As outras raparigas não queriam que eu ligasse, mas passaram quase quarenta e cinco minutos e a maquilhadora ainda não lhe tocou...

— Estou a perceber. Obrigada, Erica. Vou já para aí.

Toco no auricular como um vilão Bond e rodopio como uma bailarina, dirigindo-me ao hotel do outro lado da rua. As acompanhantes da noiva estão instaladas numa pequena sala de conferências no piso térreo que o hotel, de forma bastante inteligente, resolveu transformar em *suite* depois de uma enxurrada de casamentos na Baixa da cidade. Dirijo-me diretamente à receção, onde o Bernie, o meu rececionista preferido, já está a abrir a gaveta.

— Emergência? — pergunta ele.

— Nada que eu não consiga resolver. — Lanço-lhe um grande sorriso e pego nas chaves-mestras que ele me estende.

As minhas pernas curtas cruzam a receção a passos largos, entrando diretamente na *suite* sem bater à porta. Seis cabeças perfeitamente penteadas viram-se num ápice para mim, incluindo a Erica, espantada pela rapidez da minha chegada. A Carmen, a madrinha, desencosta a cabeça da parede do lado de fora da casa de banho, onde deve ter estado a falar com a noiva através da porta. Parece ligeiramente aliviada ao ver-me, porém, igualmente aborrecida por não ser ela a salvar o dia.

Mas é esse o meu trabalho.

Dirijo-me à porta trancada.

— Carmen, vai correr tudo bem. Podes ir dizer à menina da maquilhagem que esteja pronta para a Eloise daqui a cinco minutos? — A Carmen não responde, só pisca os olhos, mas eu destranco a porta, entro na casa de banho e volto a trancá-la antes de ela conseguir abrir a boca.

A casa de banho foi desenhada da década de 1940, com candeeiros da Tiffany na parede e azulejos *deco*. Ao fundo, vê-se uma banheira de

pés e, no seu interior, a Eloise quase-futura Reynolds com o *chiffon* branco a transbordar da porcelana esmaltada. Nem olha para mim, entretida a fitar o vazio.

Consoante me aproximo, os meus saltos altos ressoam nos azulejos pretos e brancos. Com uma olhadela rápida, confirmo que não abriu a torneira; felizmente, não será uma repetição do Desastre de 2022 no Casamento dos Winchells. Tiro o auricular *bluetooth* do ouvido, descalço os sapatos, entro na banheira e instalo-me diante dela.

A noiva pisca os olhos à medida que o seu cérebro regista a minha presença. Nesse momento, o lábio treme-lhe e um guincho escapa-lhe da garganta. Cobre o rosto com a mão, deixando as lágrimas escorrer. Não digo nada até ela parar. A Eloise pressiona as palmas das mãos nos olhos, inclinando a cabeça para trás para afastar as lágrimas.

— O que mudarias para tornar este dia perfeito? Uma coisa. — Digo, em surdina.

Ela morde o lábio, olhando para a parede.

— O noivo.

Ah. Bem, nisso não posso ajudar. Não imediatamente, pelo menos. Aceno que sim, como se compreendesse, como se estivesse a considerar.

O Patrick Reynolds não é o meu noivo favorito. Pediu-a em casamento num jogo de basebol, com ecrã gigante e tudo. Consigo reconhecer um bom casal através da história do seu noivado. Não digo que seja um método comprovado para avaliar a sua sobrevivência enquanto marido e mulher, mas... as noivas com as histórias de noivado mais bonitas são as que não voltei a ver.

— Queres sair daqui? — pergunto-lhe. — Fugir pelas traseiras?

Ela sustém uma gargalhada molhada.

— Estás a falar a sério?

— Claro. Podemos bazar. Só eu e tu. Ou tu e a Carmen. — Quando vejo que continua confusa, digo: — Quer dizer, eu já fui paga, por isso, não me interessa se há ou não casamento.

Ela desata a rir e passa a mão pelo rosto.

— O que aconteceria aos fornecedores? Ao serviço de *catering*, ao DJ?

— Infelizmente, não são reembolsáveis no próprio dia. Passarias os próximos cinquenta e sete dias a comer frango ou peixe.

— Será estranho que eu odeie mais a ideia de cancelar o copo-d'água do que a cerimónia? — pergunta-me, com o lábio a tremer.

— Não. É bastante comum ficar mais entusiasmado com uma festa com os nossos amigos do que com a parte do altar.

— Posso fazer só a festa sem a cerimónia? — murmura, esticando o vestido ao acaso. Sorrio e deixo-a pensar. — Odeio mesmo a ideia de ir com isto para a frente, quando sei que será em vão. Não queria acabar como os meus pais, aguentando até os miúdos irem para a faculdade. — Ela funga. — Será muito mau casar pela *piada* quando sabemos que não será o nosso *último* casamento?

Engulo em seco. Prometi a mim mesma deixar de fazer isto, evitar aproximar-me. Acaba sempre (*sempre*) em desgraça. A Eloise convidou-me para a sua despedida de solteira porque eu já estava demasiado envolvida. Mas o meu trabalho é levá-la até ao altar. Portanto, respiro fundo e deixo de resistir.

— A minha mãe foi casada dezasseis vezes.

A Eloise fica a olhar para mim como se eu tivesse acabado de deitar ao chão o seu bolo de noiva.

— *Quantas?*

— Dezasseis. O meu pai foi o número cinco. Eu sou a sua única filha biológica, mas sabes a Mar, a fotógrafa? É filha do número nove. Tenho mais de vinte atuais e ex-irmãos emprestados espalhados pelos subúrbios de Sacramento, incluindo os meus dois assistentes aqui hoje.

Consigo ver o seu cérebro a trabalhar, a fazer contas.

— Isso é... horrível. Desculpa, não quero ser indelicada...

— Não faz mal. Quando era nova, foi muito difícil, saltitar de uma família adotiva para outra. Mas acabei por conhecer pessoas muito fixes. — Aclaro a voz e recupero o foco. — Só te conto isto para realçar que, por muito que queiras que seja este o teu único casamento, não tem de ser. A minha mãe organiza cerimónias inteiras e copos-d'água

de cada vez que se casa. Apenas *um* dos casamentos foi no notário. Por isso, se planeares outro casamento daqui a três anos, todas estas pessoas estarão lá na mesma. Ninguém se farta de casamentos. *Acredita* em mim.

Ela acena lentamente com a cabeça.

— Foi por isso que te tornaste organizadora de casamentos?

— Basicamente. — Sorrio. — Aos 18 anos, já sabia tudo o que havia para saber sobre casamentos. Fiz de tudo, desde menina das alianças, a madrinha e DJ.

A Eloise ri-se.

— Já foste casada?

— Não — respondo. — Desde miúda que não me interessa. — E, antes de dizer que nem sequer acredito em compromissos a longo prazo no dia em que estou a tentar que ela assuma um, respiro fundo e mudo o rumo da conversa. — Por isso, tens escolha, Eloise. O poder está nas tuas mãos. Podes ir lá para fora, comer bolo, dançar e tentar sinceramente manter estes votos. Ou podemos fugir pela porta das traseiras. Posso mandar o meu assistente cancelar tudo. — Pego-lhe na mão e aperto-a. — A cerimónia não é o casamento. Os casamentos nunca serão perfeitos. São sempre uma obra em curso. Mas as cerimónias? As cerimónias são algo momentâneo que tenta ser perfeito. Deixa-me proporcionar-te um momento perfeito, Eloise.

A Eloise morde o lábio inferior, fixando os olhos no anel de noivado. Quando os vira para mim, sei que consegui.

Sáimos da banheira e, quando abro a porta da casa de banho, a Carmen ainda está no mesmo sítio, saltitando entre os dois pés.

— Está tudo bem. Meninas! — anuncio para a sala. — Temos muita coisa para fazer para não nos atrasarmos, mas o que não nos poupará tempo é perguntarmos à Eloise o que se passou na última hora, está bem?

Pisco-lhe o olho e a Eloise faz um aceno de cabeça, em jeito de agradecimento.

Quando devolvo as chaves ao Bernie, tento convencer-me de que fiz a coisa certa ao desabafar com ela. Já estamos no dia do casamento.

Darmos um pouco de nós não é uma coisa má, apesar do que me fizeram acreditar.

Ao regressar ao parque, vejo o Jake a correr na minha direção com um olhar febril.

— O responsável pelo serviço de *catering* acabou de ligar do local do copo-d'água — balbucia em pânico. — Diz que as toalhas não foram entregues.

Bolas. Estava a experimentar uma empresa nova. Cruzo as mãos à frente da barriga e passo calmamente os dedos pelo longo colar que trago sobre o peito.

— Jake. Afinal, quanto é que te estou a pagar?

Ele hesita.

— Hum, cem dólares?

O Jake é um bocado marreta. Está no segundo ano da Universidade do Estado da Califórnia, em Sacramento, a estudar Teatro. Contrariando a minha legítima expectativa de contratar um especialista em encenação, calhou-me um especialista em drama. Atualmente é o meu único irmão emprestado, uma vez que o pai dele está casado com a minha mãe. Digo atualmente, porque... bem... é apenas uma questão de tempo.

Procuo a empresa das toalhas nos meus contactos do telemóvel. A chamada ao meu ouvido é enviada para o balcão de atendimento da Linens and Love, e eu digo:

— O meu nome é Ama Torres. A vossa empresa está uma hora atrasada para uma entrega de toalhas. O que sabe dizer-me sobre isto?

— Estamos a caminho — balbucia o tipo do outro lado da linha. — É que... houve um problema com a carrinha...

Tiro as chaves do carro da minha mala e pergunto:

— Uma vez que estão a atrasar o pessoal do *catering*, posso mandar alguém ao vosso encontro?

Ele diz-me onde a carrinha está parada e eu ponho-o em espera, pegando no Jake pelo braço e arrastando-o comigo até ao parque de estacionamento.

— Jake, vou passar a pagar-te duzentos dólares, porque vais ter de ir à estação de serviço na Howe. Vais carregar tudo para o meu

carro, tudo. Se for preciso, amarras caixas ao tejadilho. E depois vais direitinho ao local do copo-d'água e ajudas o pessoal do *catering* a compensar o atraso. Percebeste? — O Jake começa a atabalhoar-se novamente e eu digo: — Ou então não te pago de todo. Porque, neste momento, estás a estorvar-me.

Ele engole em seco, acena com a cabeça e precipita-se para o meu carro. Depois de ele arrancar, junto-me à Mar, no gazebo, e volto a ligar o *bluetooth*.

— O meu assistente vai ao encontro da carrinha. Faça o favor de comunicar ao seu distribuidor que, se se atrasa uma hora, *deve telefonar*, e diga ao seu gerente que a Ama Torres está muito insatisfeita. Não irei acrescentar a Linens and Love à minha lista de fornecedores aprovados.

Assim que começa a desculpar-se, desligo-lhe o telefone na cara. Respiro fundo, rodo os ombros para trás e vejo que a Mar está em cima de um escadote, praticamente pendurada no teto do gazebo, a montar uma pequena luz.

— Tudo bem por aqui?

— Qual era o drama? — pergunta ela. — Vi-te a ir na direção do hotel.

— A noiva quase fugiu. Consegui dissuadi-la.

— Como é que fizeste isso? — A Mar arqueia uma sobrancelha negra.

Comprimo os lábios.

— Conte-lhe da minha mãe. E de como acho que os casamentos não importam, mas as cerimónias sim.

— Que audacioso da tua parte — diz a Mar a rir-se.

— Ela já estava com um pé fora da porta. — Encolho os ombros. — Achei que estava na altura de alguma honestidade.

A Mar desce do escadote.

— Se há uma pessoa que consegue convencer alguém de que os primeiros casamentos não importam é a filha da Cynthia Jones Rutherford Reed Dyer Lee Torres...

— Não acredito que ainda sabes de cor.

— Smith Smith Nelson Jaswal Matthews Andrews Evans Benjamin... mais três. — A Mar respira fundo como se tivesse acabado de fazer uma corrida. — Só consegui decorar até a Cindy começar a casar com uma série de tipos com primeiros nomes como apelidos.

— Depois do teu pai, foi sempre a descer — digo, e ela ergue a câmara para me tirar uma fotografia. — As meninas estarão prontas para ti daqui a dez minutos. Quando saí de lá, a noiva e a madrinha ainda não estavam a ser maquilhadas.

A Mar franze o nariz e verifica o telemóvel.

— Achas que vamos atra...

— Não digas! — Aponto-lhe um dedo e dirijo-me rapidamente ao carro do pastor, que está a chegar.

Passamos o resto da preparação sem mais imprevistos e, antes de se conseguir dizer «Aceito», os convidados começam a chegar. Assim que chega o arrumador, volto a dar um saltinho ao hotel. Mal entro na *suite*, vejo que a Mar pôs a Eloise a olhar pela janela com a luz do sol a atravessar as cortinas rendilhadas. A Eloise olha para mim sobre o ombro e acena com a cabeça, sorrindo.

Parece estar tudo encaminhado.

A noiva caminha até ao altar ao som de *A Thousand Years*, como é costume, e eu fico ao fundo, ao lado de um familiar com um bebé agitado, à espera da próxima deixa musical. Quando a Eloise e o Patrick, recém-casados, caminham de braço dado por entre os convidados, vejo-a a sorrir para ele com os olhos marejados.

Talvez dê certo.

Encaminho-os pela direita, para o lado oposto da saída dos convidados, e entretenho-os enquanto os acompanhantes da noiva se juntam a nós, deixando que a Mar e a Sarah preparem tudo para as fotografias de casamento falseadas. Uma tia qualquer tenta seguir os convidados da noiva e tirar as suas próprias fotos, obrigando-me a dar cabo da expressão da Eloise ao dizer-lhe categoricamente que esta é uma área privada onde só podem estar os convidados da noiva. Ela torce-me o nariz e vai-se embora com maus modos. Pressinto que vou receber um e-mail com palavreado forte.

Adoro a parte a seguir à cerimónia. Os momentos difíceis ficaram para trás, tanto para mim como para os noivos, e os fornecedores já passaram ao próximo local. Basicamente, conduzir os convidados do ponto A ao ponto B é como reunir um grupo de crianças. Além disso, quando a fotógrafa contratada é a Mar, ela não tolera ver os amigos do noivo a vaguear nem familiares aleatórios a rondar. Faz milagres nas festas de casamento porque é esfuziante e suficientemente envolvida para as damas de honor simpatizarem com ela, e suficientemente atraente para os amigos do noivo prestarem atenção a cada palavra que sai da sua boca carnuda.

E, tal como eu, não esquece a Regra n.º 4: Nunca fiquem sozinhas com um dos padrinhos do noivo.

Assim que chegamos ao salão do copo-d'água está na hora do bolo. Quando entro, o Jake está tão entusiasmado como um agarrado, falando pelos cotovelos. Está a dobrar guardanapos num formato que parece *quase* bem, dizendo-me que o tipo das entregas se fartou de pedir desculpa.

Não é suficiente. A Linens and Love não vai para o meu Rolodex. (Sim, tenho mesmo um Rolodex. É da década de 1950 e é adorável.)

Acabo de dobrar os guardanapos com ele, refazendo os que ele dobrou de forma defeituosa, e os convidados começam a chegar logo a seguir.

Aquilo de que mais sinto falta dos tempos em que trabalhava para uma grande empresa de organização de casamentos é o facto de poder sair assim que cortassem o bolo. Quando trabalhava na Casamentos Whitney Harrison, contratavam-se sempre três Jakes para estarem lá durante a preparação e a arrumação. Agora que sou responsável pela minha própria empresa, trabalho de manhã à noite. Um dia, hei de conseguir. Um dia, hei de organizar três casamentos ao sábado e dois ao domingo, como a Whitney. Mas, para já, só consigo organizar um por dia e sou obrigada a reservar pacotes mais pequenos aos domingos, porque estou completamente indisponível no dia anterior à cerimónia.

Do que realmente preciso é de um artigo de fundo que apareça na página da Martha Stewart ou no TheKnot.com, como aconteceu com

a Whitney quando tinha 20 anos. O casamento da filha do presidente da Câmara colocou-a no centro das atenções e, sozinha, conseguiu pôr Sacramento no mapa dos casamentos. Quando comecei a trabalhar com ela, já tinha uma carreira de vinte e cinco anos e contactos em São Francisco. Raramente aparecia no próprio dia, a não ser que fosse um casamento altamente publicitado.

Na verdade, gosto bastante do dia do casamento. Gosto da azáfama caótica da cerimónia, gosto dos altos e baixos, gosto da primeira dança. Mas sim, um dia adoraria cobrar o suficiente para ter mais dois assistentes e poder limitar-me a apontar para as coisas. Isso implicaria sacrificar ligeiramente a minha marca, que, até agora, tem sido Acessível a *Millennials* Modernos com um toque pessoal.

— Porque é que estás a fazer má cara ao DJ? Apanhaste-o a snifar coca na casa de banho outra vez? — Ao meu lado, a Mar tira uma foto.

— Achas que ainda trabalho com esse tipo? — pergunto. — Pulo na lista negra. Agora só trabalha em casamentos com cocaína.

— Excelente. — Ela troca de objetiva. — Estás a pensar no dia de amanhã?

Bem, não estava. Mas agora que ela mencionou o assunto...

— Não estou nervosa — digo apressadamente.

— Ótimo. — Ela ri-se. — Não tens motivos para estar nervosa. Ou elas te querem ou não. Não há nada que possas fazer.

Aceno com a cabeça, respirando fundo.

Por falar em grandes oportunidades, podia ser já amanhã. A Hazel Renee, uma *influencer* com 4,2 milhões de seguidores no Instagram e 8 milhões de subscritores no seu canal de YouTube, apaixonou-se por uma miúda de Sacramento. Vi o anúncio do seu noivado no mês passado no Instagram e pensei: *Quem será o sortudo de Los Angeles que irá organizar este casamento?*

Bem, parece que talvez possa ser *eu* a sortuda a organizar este casamento. A noiva, Jacqueline Nguyen, quer casar-se na sua cidade natal. Mandou-me um e-mail há duas semanas para marcar uma entrevista. Estou a tentar não criar demasiadas esperanças. Estou totalmente preparada para comunicar o que ofereço e o que não

ofereço. Mesmo que tencionem manter a lista de convidados com menos de trinta pessoas, há agências que têm muito mais experiência com o estilo que desejam (entenda-se: chiquérrimo).

Todavia, se me der bem com a Hazel e a Jacqueline... Se organizar um casamento visto por milhões...

É mesmo disso que preciso. É esse o bilhete premiado para o luxo (entenda-se: chiquérrimo) e para uma grande visibilidade.

Só preciso de garantir que estou preparada para isso.

Ao final da noite, a Eloise esbarra contra mim, descalça e embriagada de amor, beija-me na cara e diz-me que fui a escolha mais acertada da sua vida. Encaminho-a para a limusina, sorrindo para mim mesma por um instante.

Vêm-me à cabeça os frios olhos azuis da Whitney Harrison, a voz maternal que reservava apenas para mim, dizendo: «Cuidado, Ama. Afinal, és a organizadora do casamento, não a madrinha. Não dês tanto de ti mesma a pessoas que não voltarás a ver. Pessoas que, provavelmente, nem se despedirão de ti ao final da noite.»

Bem, toma lá, Whitney.

Suspiro, esfregando a testa. Tenho tentado estabelecer limites mais definidos. A fronteira do profissionalismo com clientes e fornecedores sempre foi a minha fraqueza. Adoro conhecer pessoas e descobrir o que as faz felizes. Porém, não impor limites arranja-me sempre problemas.

Sempre.

## 2

# Ama

MARÇO

Decidir o que vestir para uma reunião com alguém que tem a sua própria gama de cosméticos, três projetos em desenvolvimento listados na IMDb e a cara frequentemente estampada em Times Square é um pesadelo.

Quando a Hazel Renee foi capa da *Marie Claire*, eu andava no secundário. Somos praticamente da mesma idade, por isso, já há muito tempo que passou a perna a mim e aos meus amigos. Sigo-a no Instagram há dez anos, portanto, sei exatamente o que esperar quando ela entrar no café daqui a uma hora.

Geralmente, numa primeira reunião com o casal, produzo-me para os clientes. Com uma ligeira pesquisa nas redes sociais, consigo determinar qual o estilo mais adequado: o meu fato saia-casaco da Stella McCartney ou o meu ar de bruxa boémia. A Hazel e a Jacqueline são jovens e modernas. Não precisam da Stella. Visto uma camisa preta justa e um *blazer* preto sobre umas calças de ganga e enfio os pés nuns saltos altos pretos. Demoro bastante tempo a maquilhar-me, porque se trata da *Hazel Renee* e costumo usar a sua gama de cosméticos. Foi a Hazel que me ensinou a fazer o contorno dos olhos nos seus vídeos do YouTube quando eu era adolescente e ainda o faço à sua maneira, pois, com o meu rosto arredondado, passo a vida a ser confundida com uma criança.

Depois de uma borrifadela de perfume e um silvo da minha gata, saio para a manhã quente de março.

Há uns anos, comprei uma casa com dois quartos na parte mais agradável da Cidade das Árvores. O que quero dizer é que me mudei para uma casa com dois quartos. Será oficialmente minha daqui a cerca de oitenta e quatro anos. Num lugar como Sacramento é difícil não entrar no esquema dos companheiros de casa no centro da cidade. Há um raio de cinco quarteirões que se parece um pouco com Nova Iorque: um bar por baixo do apartamento, um minimercado na esquina e não é preciso andar de carro. É viciante. A Mar ainda vive no centro, mas quando precisa de «férias» vem ter comigo, quinze quarteirões a leste. Decidi cortar com o estereótipo dos *millennials* ao deixar de arrendar apartamentos. Não se preocupem, continuo a gastar seis mil dólares por ano em tostas com abacate. Deixaram-me manter o cartão de sócia.

Na verdade, se há coisa em que gasto seis mil dólares todos os anos é em donutes.

Empurro a porta da J Street Donuts e o Sr. Kwon acena-me por cima da cabeça da mulher que está a atender. Quando chego ao balcão, está já a aviar a minha meia dúzia.

— Deixe-me adivinhar — diz ele. — Clientes novos.

— Como é que sabe?

— Está vestida para causar boa impressão. — Ele fecha a caixa e recebe a nota de dez dólares. — O de manteiga de amendoim está à esquerda, embrulhado em papel.

— Obrigada, Sr. Kwon. — Saio dali antes de a mulher à minha frente conseguir sequer sacar do cartão para pagar.

O Sr. Kwon sabe que deve ficar com o troco, assim como sabe que, embora o seu donute Sonho de Manteiga de Amendoim seja o mais vendido, eu sou alérgica. Costumava dar-me uns quantos para os clientes numa caixa à parte, mas, finalmente, após alguns anos, convenci-o de que basta separá-los.

Os donutes são a minha linguagem de amor. Levo sempre uma caixa para todos os jantares, festas, *happy hours*, seja o que for. Não há

nada no mundo que não possa resolver-se com uma dentada num dónute perfeito. Naturalmente, estou a excluir problemas mundiais graves, porém, ainda assim, se nos sentássemos todos a comer dónutes, as coisas talvez melhorassem.

Os dónutes são também uma tática para conhecer os clientes. Consigo perceber que noivas estão a fazer dieta para caber nos vestidos, que noivos preferem que as suas noivas não comam doces e que casais já começaram a comer compulsivamente. Além disso, enquanto vou conhecendo os clientes, permito-me comer um dónute. Ou seis, no caso de eles *estarem* efetivamente a fazer dieta. A minha mãe fez dietas loucas e intensas para um terço dos seus casamentos, revelando muito sobre o estado emocional em que se encontrava relativamente a essa pessoa, aos seus amigos, a essa altura da sua vida, etc.

Estaciono à porta do Weatherstone, um café da moda num edifício de tijolo que, antigamente, era um estábulo. Não sei quão antigamente, mas diria que bastante. Os funcionários daqui também me conhecem porque eu impinjo o seu café nos copos-d'água. Há dois anos até organizei um casamento neste espaço, para trinta convidados; por isso é que o barista de pera não diz nada sobre os dónutes que trago comigo.

Apanho o canto livre da mesa de jantar rústica, mesmo no meio do café, e sento-me de frente para a porta. Peço apenas um café coado (que trazem numa pequena garrafa individual, para nos sentirmos extraburgueses) em vez do costume: café expresso seguido de infusão fria. As minhas pernas já estão suficientemente saltitantes.

Nunca estive tão nervosa com uma reunião preparatória. Exceto talvez na primeira vez. Já foi há mais de três anos. A Whitney enviou-me um casal que mostrou desagrado com os seus preços e, embora pareça um gesto de piedade, calhou numa altura da minha carreira em que precisava do maior número possível de gestos de piedade. Decidir abandonar a Casamentos Whitney Harrison podia ter sido o erro mais colossal da minha vida, mas felizmente pude contar com o apoio da Whitney.

Dois minutos depois das nove, a porta abre-se e demoro um segundo a acreditar que estou realmente a ver uma pessoa que costumava existir exclusivamente no meu telefone. Estava à espera de um desfile de moda, mas calhou-me uma rapariga comum. A Hazel veste umas calças de ganga e um casaco de malha e traz o cabelo louro escuro apanhado; a única coisa que lhe dá um ar de celebridade são os óculos escuros de aviador que mantém no rosto mesmo depois de entrar. Vem de mãos dadas com uma rapariga asiática de rosto redondo e olhos castanho-claros: a Jacqueline. Ela repara em mim a acenar e aponta.

— Olá. Ama? — A Jacqueline pousa a mala na mesa ao meu lado e estende a mão.

— Deves ser a Jacqueline.

— Podes tratar-me por Jackie — diz ela. — Esta é a Hazel.

Aperto a mão da Hazel.

— Prazer em conhecer-te. — O seu aperto de mão é firme e o seu rosto lindíssimo, e tudo isto me faz ficar um pouco tonta.

— Meu Deus, a tua pele é perfeita — diz ela, e fico praticamente rendida.

Toco na cara com a ponta dos dedos e digo:

— Oh, obrigada. Na verdade, é a tua gama.

— Incrível! Começamos bem. — Ela mostra um sorriso radiante e vira-se para a Jackie. — Galão de avelã?

A Jackie acena que sim e senta-se à minha frente, enquanto a Hazel se dirige à caixa. A Jackie está prestes a dizer algo quando repara na caixa cor-de-rosa entre nós.

— Se forem dónutes, vou perder a cabeça.

Sorriso e abro a caixa. Ela dá um gritinho, como se tivesse sido *eu* a pôr-me de joelhos com um diamante, e procura o seu favorito entre a meia dúzia.

— Se gostas de manteiga de amendoim, é a especialidade deles. É este. — Aponto para o dónute embrulhado em papel encerado.

A Jackie não hesita em enfiá-lo na boca e eu fico imediatamente obcecada por ela.

— OhmeuDeus — murmura, com o bolo na boca. A Hazel regressa à mesa mesmo a tempo de ver o dónute a ser empurrado na sua direção, seguido de: — Amortensdeprovaristo.

— Hum! — Ela arregala os olhos. — Adoro.

Ótimo. Ótimo, posso oficialmente gostar delas.

Gosto sempre de evitar que a conversa comece logo com o trabalho. Acho importante criar à-vontade para falar sobre esta coisa terrivelmente constrangedora que é um casamento. A Whitney não pensava assim. Preferia ir direta ao assunto. Mas quando se é a Whitney Harrison, as pessoas param de falar quando ela começa.

— Então, Jackie, crescestes aqui em Sacramento?

A Jackie acena que sim enquanto sorve o seu galão, fazendo um som de prazer com os lábios.

— Andei no Rio Americano. Turma de 2015.

— Oh, no mesmo ano que eu!

— A sério? Onde é que andaste?

— No St. Joseph's — digo, um pouco envergonhada.

Uma espécie de luz acende-se no olhar da Jackie quando diz:

— Ah. Claro.

A minha mãe cresceu com muito dinheiro. Gastava-o em duas coisas: na minha educação privada e nos seus casamentos. Quando digo às pessoas que andei no St. Joseph's, um dos quatro colégios católicos de Sacramento, elas olham para mim com outros olhos. Odeio. Pessoalmente, não tenho o dinheiro da minha mãe, porque ela continua a gastá-lo todos os anos em arranjos de mesa e quartetos de cordas, mas também porque não quero pedir-lho se não preciso. Como comecei a trabalhar com a Whitney praticamente a seguir ao secundário, nunca precisei. E o facto de *não* ter andado na faculdade é, na verdade, uma mancha na reputação habitualmente imaculada do St. Joseph's. Uma das poucas coisas boas de ter andado naquela escola é o facto de os meus amigos e conhecidos estarem todos a casar. Alguns podem dar-se ao luxo de contratar a Whitney, mas, nos últimos três anos, muitos recorreram aos meus serviços.

— E o que é que fazes? — pergunto à Jackie.

— Trabalho como diretora legislativa no Capitólio.

— Que fixe! Quer dizer, parece fixe. Não faço ideia do que significa. — A Jackie ri-se. Sorrio-lhe e viro-me para a Hazel. — Obviamente, sei o que tu fazes. Mas o que te traz a Sacramento?

— A Jackie — diz, simplesmente. Olham uma para a outra, corando. — Ela sempre quis casar aqui.

— É uma cidade incrível — concordo. — Aqui também há locais espantosos. — Voltando ao assunto...

— Na verdade, já escolhemos o local. — A Jackie sorri abertamente, voltando-se para mim.

— Excelente! Já marcaram uma data?

— Ainda não — diz a Hazel. — A Jackie queria ter a certeza de que estarias disponível.

Os meus dedos ficam paralisados no interior do saco de pano enquanto procuro o meu dossiê.

— Oh, isso é... — Pouso o dossiê em cima da mesa. — Sabem, sinto-me mesmo, mesmo lisonjeada por quererem reunir-se comigo. *Lisonjeada* não é a palavra certa, mas extremamente empolgada. Já ganhei o dia, garantidamente. — Olho para os seus rostos expectantes. — Só quero ter a certeza de que estão a fazer a escolha certa para o vosso casamento. Ainda não sei pormenores, quão grande ou luxuoso será, mas há muitas empresas com experiência na organização de casamentos de todos os tipos. Na verdade, a Casamentos Whitney Harrison é uma empresa fantástica onde eu já trabalhei...

— Por acaso, ouvi coisas não muito positivas sobre a Whitney Harrison — diz a Jackie, encolhendo-se.

— Ah, pronto. — Tento esboçar um sorriso amigável, porém, fico a pensar em quem poderá ter feito uma má crítica à Whitney e sobrevivido para contar a história.

— E, por outro lado — intervém a Hazel —, tu foste altamente recomendada.

A minha boca abre-se para aceitar o elogio, algo para que nunca tive jeito, portanto, limito-me a proferir:

— Ah, ótimo! — Aclaro a voz. — Vamos absolutamente falar sobre o que posso oferecer-vos e certificar-nos de que é exatamente o que querem para o vosso dia.

Ambas acenam com a cabeça, como duas pequenas bonecas. Rodo o meu dossiê para que fique virado para elas e abro-o na primeira página. As minhas mãos tremem ligeiramente. Tinha apenas o mínimo de esperança de que isto resultasse. Nem sequer sabia se seria capaz de o concretizar, no caso de elas gostarem de mim, mas sabia que queria tentar. Essencialmente, este dossiê é a minha apresentação, por isso, atiro-me de cabeça.

— Nesta área altamente competitiva da organização de casamentos, eu especializo-me em *vocês*. Na vossa visão. A minha empresa oferece seis tipos de pacotes que vão ao encontro do vosso orçamento — quase faço um comentário sobre como, provavelmente, o dinheiro não será um problema, mas desisto dessa ideia estúpida — e do vosso estilo. — Viro a página até à minha especialidade, o meu catálogo: dez páginas, frente e verso, com os casamentos de que mais me orgulho. — Aquilo que me destaca das outras agências mais pequenas é um design experiente, adaptado às vossas personalidades exatas e sonhos. As outras agências contratam um designer por uma taxa adicional, ou cobram mais pelo design. Eu não. Comigo, está tudo incluído.

— Devias, no entanto. Cobrar mais.

Os meus lábios estão entreabertos, prontos para falar sobre valores, mas o murmúrio da Hazel interrompe-me. Ela levanta o olhar do meu dossiê.

— Desculpa interromper. Só acho que... Devias considerar cobrar mais por isto. Isto é... — Ela aponta para o melhor casamento que alguma vez organizei, no Salão Willow, uma explosão de primavera no interior de um armazém reaproveitado. — Isto é extraordinário. Melhor do que tudo o que tenho na minha pasta do Pinterest. Claramente, tens talento para cobrar mais.

Sinto o rosto corar enquanto balbucio um obrigada.

— Tens razão. Podia adicionar uma taxa. Mas é algo que adoro fazer. E destaca-me da concorrência.

A Hazel murmura, sorvendo o seu café com leite vaporizado.

— Eu costumava fazer a minha própria maquilhagem para a publicidade impressa. Na altura, o meu canal de YouTube consistia apenas em tutoriais de maquilhagem, por isso, chegava ao estúdio já maquilhada e o fotógrafo deixava. Só me ocorreu mais tarde que o maquilhador que eles contratavam era pago na mesma. E, em determinadas circunstâncias, também creditado. — Ela coça um ponto atrás da orelha. — Obviamente, sabes o que estás a fazer. Não estou a tentar ensinar-te a gerir a tua empresa. Mas, aqui entre nós, duas pessoas que ganham a vida num mundo visual? A beleza tem sempre um preço. Deves pedir de acordo com o teu valor.

Sinto o peito comprimir-se e um formigueiro na pele. Fico quase envergonhada, mas, ao mesmo tempo, vaidosa com o elogio.

— Desculpa. — A Hazel ri-se. — Juro que isto significa que me importo.

— Ela é assim — diz a Jackie, revirando os olhos jocosamente. — Encarna mesmo o espírito empreendedor.

— Não, eu adoro — digo. — Estou só surpreendida. É algo que vale a pena considerar. — Tento voltar à minha apresentação, que saiu do meu controlo quando a Hazel Renee me disse que eu valia mais do que aquilo que pedia.

A Hazel parece ver-me hesitar por um momento e diz:

— Diz-nos que pacotes tens para oferecer.

— Claro! — Viro a página. — Eu não penso em número de convidados. Sim, será uma questão mais à frente, com uma série de preços diferentes, mas quando falo de serviços, estou a pensar no que vocês precisam. No tipo de compromisso que procuram.

— Total — interrompe a Jackie. — Podes saltar os pequenos passos. Eu quero design, quero escolha de fornecedores, quero que me leves ao altar.

Desato a rir.

— Vou estar bastante ocupada este ano — diz a Hazel. — Ainda não foi anunciado, mas vou entrar no próximo projeto da Greta Gerwig. A rotação começa para o mês que vem.

Arregalo os olhos.

— Incrível! Ela é daqui, sabes?

A Jackie acena que sim.

— Estou muito feliz pela Hay — diz, apertando o braço da Hazel —, mas sei que isso significa que irei organizar grande parte disto sozinha...

— Sozinha não — discorda a Hazel, e eu adoro a forma como a preocupação lhe enruga a testa. — Sabes que estou disponível para isto.

— Sim, eu sei. Mas ambas decidimos que não queríamos adiar um ano. E isso quer dizer que preciso de tomar as decisões iniciais. — A Jackie dirige-se a mim: — É por isso que preciso de ti. Também ofereces um serviço de vinte e quatro horas para mensagens ansiosas?

Ela está a gozar. E eu rio-me. Mas é algo que costumava oferecer. Foi um hábito que precisei de abandonar.

Enquanto bebemos os nossos cafés, ocorre-me que isto vai ser difícil. Gosto delas. Muito. O meu coração palpita como se estivéssemos a ter um excelente primeiro encontro amoroso e, na minha cabeça, consigo ver perfeitamente como será.

— Acho que não será um problema — digo. — Porque não me dizem que pormenores já estão decididos e quais as vossas prioridades? — Tiro o *iPad* do saco e abro o bloco de notas. Escrevo as palavras *Hazel e Jackie*, que aparecem no centro do ecrã.

— O Jardim das Rosas do McKinley Park. É o meu sonho desde pequena. — A Jackie cora e a Hazel abraça-a pela cintura.

— É lindo — digo, tomando nota e juntando as palavras ao título *Hazel e Jackie* com um pequeno balão. — Já lá organizei vários casamentos, por isso, conheço bem o local. Na verdade, vivo bastante perto. Mas eles costumam lotar.

— Certo — diz a Hazel —, eu já liguei para lá e reservaram algumas datas para nós. Estávamos à espera de saber a tua disponibilidade.

Olho para ela, pestanejando. Parece que *eu sou* uma prioridade máxima para elas, o que me faz alguma confusão. Sinto o rosto corar ao abrir a aplicação do calendário, e pergunto:

— Quais são as opções?

— Dia 7 de outubro é a nossa primeira escolha, mas também pode ser a 6 de abril.

— Outubro *deste* ano? — Dou um gritinho rouco, arregalando os olhos ao calendário.

É daqui a sete meses. Abril do próximo ano, claramente, é uma data melhor. Porém, antes de poder convencê-las disso, a Hazel apoia os cotovelos sobre a mesa com um sorriso sonhador e diz:

— Sempre quis casar no outono.

E, talvez por ela ser a Hazel Renee, ou por estar já a visualizar o artigo *de fundo*, ou ainda porque a Jackie se entusiasma tanto com dónutes como eu (tudo o que realmente preciso de saber sobre uma pessoa), não lhes digo imediatamente que não será possível.

Consigno organizar um casamento em sete meses. Já organizei muitos casamentos em menos de um ano e, ainda assim, consegui torná-los incríveis. E o dia 7 de outubro está livre no meu calendário.

Estou calada há demasiado tempo, olhando para a minha agenda e consultando os casamentos grandes que tenho marcados para este ano. Depois de dois casamentos em setembro e da frenética época que tenho pela frente, poderia dedicar-lhes toda a minha atenção.

Voltando a encará-las, deparo com a Jackie a morder o lábio e a Hazel com uma expressão tensa, tentando ler o meu calendário de cabeça para baixo.

— Bem... consigo fazê-lo, mas seria bastante apertado.

A Jackie dá um gritinho e a Hazel beija-a.

— Gostamos de coisas apertadas! — exclama a Jackie. — E não no sentido sexual! Foi só uma coisa que me saiu!

A Hazel explode numa gargalhada e a Jackie tenta desculpar-se enquanto recupera o fôlego.

Rio-me com elas, observando as faces coradas da Jackie e as risadas da Hazel, encostada ao ombro da Jackie. Elas são contagiantes. Encantadoras. Consigo ver os próximos sete meses. Consigo ver o casamento. Vejo-me a ser identificada em todas as fotos. Vejo o casamento da Hazel a aparecer na revista *People*. Talvez na *Entertainment Weekly*.

Vejo jornalistas a ligar para me entrevistarem. Vejo o *Sacramento Bee* a fazer uma reportagem na secção de casamentos. E, mesmo antes de se acalmarem e voltarem a atenção para mim, vejo a Whitney a ligar para me dar os parabéns. Sinto-me como se tivesse sido arrastada por uma corrente, uma onda que vai subindo cada vez mais.

— Vou reservar o dia 7 de outubro — digo. — Posso ligar hoje para o Jardim das Rosas. Mas eles não têm uma área para o copo-d'água que eu possa recomendar. Sabem o que querem para o copo-d'água?

— Ainda não — dizem ao mesmo tempo.

— Pensamos nisso depois, então, mas não me parece que o copo-d'água possa ser realizado no parque. — A minha linguagem mudou. Estou a assumir o controlo deste casamento, falando rapidamente e deixando-me guiar pela adrenalina. — Se gostam do ambiente geral deste casamento no Salão Willow — digo, apontando para a página aberta do meu catálogo —, é melhor começarmos a ter ideias nesse sentido. — Elas acenam que sim em simultâneo. — Em segundo lugar, uma vez que se trata de um roseiral histórico, apenas algumas floristas terão permissão para trabalhar no jardim.

— Sim! Já escolhemos o nosso. Ele trabalha lá com frequência — esclarece a Jackie.

As minhas próximas palavras ficam presas na garganta e toda a linguagem me abandona por instantes. Sinto que a corrente em que navegava há segundos se imobiliza. Sou arrastada por uma onda.

Das cinco floristas de Sacramento autorizadas a trabalhar no Jardim das Rosas, apenas uma loja é gerida por um homem.

O meu peito contrai-se e sinto-me como se não conseguisse respirar. Forço um sorriso e pergunto:

— Já têm florista?

— Sim! Desculpa. A florista e o local do casamento são as únicas coisas realmente importantes para...

— Já assinaram alguma coisa ou podemos pesquisar um pouco?

— As palavras saem-me agressivas e agudas. A Jackie pestaneja. O café da Hazel detém-se a caminho dos seus lábios. Recomponho-me. — Para encontrarmos a melhor, claro.

— Acho que já temos a melhor. — A Jackie ri-se. — É a Blooming. O Elliot...

— Fantástico! — Esboço um sorriso tão escancarado que é como se os dentes me fossem saltar da boca. — E ele está disponível? Discutiram a data de outubro com ele? — Imediatamente, a minha pulsação dispara. Não podem ter-se encontrado com ele ainda. E, se o fizeram, ele devia ter indicado outra empresa de organização de casamentos ou recusado, como eu ando a fazer há dois anos.

— Não, ainda não. Mas é um amigo de família — diz a Jackie. — Trabalho com a mãe dele no Capitólio.

A sensação de uma bolha a rebentar invade-me o cérebro.

— Ah, ótimo. — E, antes de a Jackie falar, eu já sei...

— A Laura é a razão pela qual foste tão recomendada. Organizaste o segundo casamento dela há dois anos.

Pela minha cabeça flutuam bolhas de champanhe. Uma dança lenta e o calor de uma mão ao fundo das minhas costas. Desaparece tão rapidamente como apareceu. E o interior do meu peito fica frio e húmido outra vez.

— Claro. — A minha voz parece mais áspera do que o normal. — A senadora Gilbert é uma mulher fantástica. E foi uma cliente exemplar, se é que posso dizer. — Sinto a pele esticar-se sobre os ossos à medida que o medo aumenta. — Estiveram no casamento da senadora? — Aperto a minha chávena de café.

— Não consegui estar presente — diz a Jackie. — Na realidade, estava em Chicago, onde conheci a Hazel!

— Oh, meu Deus, sim. Por favor, contem-me tudo sobre vocês — digo, aliviada por saber que a Jackie não estava presente e extremamente agradecida pela mudança de assunto. — Falamos de fornecedores depois.

Sinto os ouvidos a zumbir e deixei de sentir os pés. Fecho o *iPad* e tento prestar atenção. A Hazel e a Jackie atropelam-se a falar, rindo sobre qual das duas sentiu coisas primeiro, e eu devia estar a tomar notas. Devia estar a guardar todos os pedacinhos da sua personalidade na minha cabeça como berlindes num saco. Devia estar

a escrever *7 de outubro de 2023* no meu *iPad* e a adicioná-lo ao balão com os seus nomes.

Mas, em vez disso, ouço-as como uma velha conhecida, deixando que imagens de celeiros rústicos e toalhas de mesa cor de marfim me escorram pela cabeça como areia através de uma peneira. A *Entertainment Weekly* e a *People* esvoaçam para longe.

Porque eu não vou organizar este casamento.

## ELA PARTIU-LHE O CORAÇÃO, MAS ELE NUNCA A ESQUECEU.

Ama Torres adora organizar bodas... dos outros! Os vários casamentos falhados da mãe foram o suficiente para lhe mostrar que não era esse o caminho que ela queria seguir na sua vida amorosa, mas nada lhe dá mais prazer do que proporcionar um verdadeiro dia de sonho aos seus clientes, mesmo que há muito tenha deixado de acreditar no «felizes para sempre».

Quando é contratada para organizar a festa de casamento de duas celebridades, Ama não cabe em si de entusiasmo perante aquela que poderá ser a maior oportunidade da sua carreira, só que ainda não sabe que esta oferta vem acompanhada de um grande senão. É que Elliot, com quem ela já não fala desde que terminaram a relação, foi o escolhido para tratar dos arranjos florais.

Ainda magoados devido ao que aconteceu dois anos antes, Ama e Elliot terão de se esforçar para manterem uma postura profissional, esquecendo o sofrimento do passado e ignorando a química que ainda existe entre eles. Mas com as noivas a tentarem juntá-los sem fazerem ideia do seu historial, isso pode tornar-se complicado.

Conseguirão eles entender-se depois de tudo o que aconteceu?

**«A Julie Soto é a minha autora preferida.  
Hei de ler tudo o que ela escrever  
e adorar cada instante.»**

**Ali Hazelwood,  
autora de *A Hipótese do Amor***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878343



9 789897 878343 >